

ou

Incidente de uma noite de Inverno.

Eu estava realmente com muita fome. Há muito anoitecera e meu estômago reclamava o seu bocado diário de miséria.

Como sempre, esperei que todos saíssem do grande armazém. Quando a luz foi apagada, iniciei a escalada em direção à janela que todas as noites me permitia entrar clandestinamente na imensa construção.

Subi pela árvore, atravessei pela mesma fenda de sempre e com dois pulos estava no solo do grande armazém.

Por alguns segundos fiquei ali, parado, apenas sentindo o ambiente e me certificando de que tudo estava tranquilo e sem perigo.

Quando julguei-me suficientemente seguro, saí a procura de comida. Nem sempre é fácil encontrá-la. Os alimentos perecíveis são guardados em uma imensa e inexpugnável câmara frigorífica e os demais, ou estão ainda encaixotados e sobrepostos em pilhas enormes, ou encontram-se em lugares de difícil acesso, em que é necessário muito malabarismo, sempre com o risco de fazer algum ruído e atrair a atenção dos empregados ainda em atividade em outros setores do depósito.

Minha grande aliada é a própria ineficiência dos empregados, que sempre deixam alguma coisa aberta, passível de ser comida, e isso é que interessa ao meu estômago.

Aquele dia, entretanto, parece que os empregados tinham caprichado: tudo estava limpo, em seu lugar. Até o lixo eles tinham despejado.

Estava pensando em como arranjar alguma coisa, quando, subitamente, a luz acendeu e o barbudo entrou.

Por alguns instantes ficamos nos encarando, naquela rápida fração que o cérebro demora para computar algo totalmente novo e i-

nesperado, um com medo do outro.

Percebendo que esta era a minha chance, precipitei-me em direção ao primeiro abrigo que vi: a grande fornalha.

Aquela fornalha já me servira de esconderijo várias vezes. Quando sentia a aproximação de alguém, me enfiava por um buraco existente em baixo da fornalha e lá esperava até irem embora.

Ele, porém, me viu entrando por ali e, mal me abriguei, e-le foi buscar um pedaço de pau, para servir como porrete.

Felizmente, o buraco era pequeno e eu, magro e subnutrido, com a compleição típica de um moleque da sarjeta, mal conseguia passar. Ele, com suas proporções avantajadas, eu diria até gigantes-cas, de homem bem nutrido, nem tentou me seguir.

Por alguns instantes simplesmente bateu com o porrete nas paredes da fornalha, fazendo um barulho desgraçado, mas que nunca me tiraria dali.

Ele também sabia disto. Com todo o cuidado abriu a porta principal da fornalha e também a gaveta de baixo. Cabe aqui uma explicação de como era a fornalha: possuía uma abertura principal, mais superior, provida de uma grande tampa que abria para baixo. Sob este espaço principal, situava-se uma gaveta destinada a proporcionar as temperaturas mais altas, mais próxima que estava da fonte de calor. Entre estas duas estruturas, havia um pequeno espaço e era nesta cavidade que eu procurava abrigo.

Como podem então perceber, apesar do barbudo ter aberto a fornalha, não me viu, e ainda ficou mais furioso.

Certamente sabia do vexame que iria passar se chamasse mais alguém para pegar um pequeno e nojento ladrão, um "rato" subnutri-do e incapaz de defender-se.

Para mim, a esta altura, só interessava que ele pensasse que eu conseguira de algum modo fugir. Assim, fiquei o mais quieto possível, disposto a não trair a minha presença.

Neste instante, senti um pouco de calor, mas não liguei. Alguns minutos depois, ele tornou-se insuportável. Agora, quando penso naquele momento, me pergunto porque não percebi logo o que acontecia. Talvez a verdade tivesse sido algo demasiado terrível para ser logo assimilada: o filho-da-mãe ligara a fornalha, queria me queimar vivo.

O calor tornou-se tremendo e o ar, cada vez mais quente, queimava-me os pulmões. Desci até a abertura por onde entrara e dei uma olhada para fora. O filho-da-mãe estava lá, me esperando, porrete em punho, com os olhos injetados de ódio.

Voltei-me arrastando para o esconderijo, o calor me fazia suar barbaramente e minha cabeça dava voltas.

Devo ter agüentado mais uns vinte minutos, mas chegou um momento em que a única coisa que realmente desejava era sair daquele lugar do inferno.

Arrastei-me até o buraco e coloquei minha cabeça para fora, para o ar, para a frescura de uma noite de inverno.

Imediatamente levei a paulada. Atingiu-me em plena orelha direita e deixou-me totalmente tonto. O barbudo viu-me ali, à sua mercê, a cabeça para baixo, mas estava em tal estado de fúria que seus golpes foram imprecisos e consegui recolher minha cabeça para dentro antes que ele me destroçasse os miolos.

Creio que fiquei desacordado por alguns instantes, mas não tenho certeza. Sei apenas que lá no extremo oposto da fornalha eu enxerguei uma luz. Esta luz provinha de um segundo buraco, muito menor que o primeiro, que eu nunca usara justamente por ser demasiado pequeno.

Naquele instante, porém, ele pareceu-me grande como imensa seria a minha ventura se conseguisse sair dali. Se porventura tivesse a sorte de esgueirar-me por ali, estaria atrás da fornalha, de onde poderia facilmente correr e fugir.

Arrastei-me, portanto, até aquela abertura. Tinha de sair rapidamente e sem barulho, pois do contrário o barbudo poderia perceber-se.

